

Marx e o programa comunista¹

Questionamentos contemporâneos da racionalidade

José Barata Moura,

Intervenção feita a 28/1/92 num colóquio do Ciclo "O comunismo e o mundo contemporâneo", organizado pelos Sectores Intelectuais da OR de Lisboa

O programa comunista — e isto, decisivamente, Marx nos ajudou a compreender, Lénine a aprofundar, e a história a jamais perder de vista — é um empenhamento sério e exigente, laboriosamente prático e histórico, de **transformação revolucionária**.

A meta dos comunistas não é a ascensão ao paraíso — em corpo e alma, ou só em espírito. (Talvez a explicação subjectiva de muitos desencantamentos e defecções se prenda com uma secreta crença nesta expectativa errónea).

A meta dos comunistas não é um triunfo paroquial de facção — para todo o sempre, ou só por um mandato. (Talvez a explicação subjectiva de muitos enviesamentos e cambaleios se prenda com o desesperado e vão intento de uma frequência, ainda que episódica e sem princípios, das tribunas dos notáveis).

A razão de ser dos comunistas — que não descuram o alcançar social de formas mais gratificantes de existência, nem afectam desinteresse virtuoso pelo exercício do poder — tem, todavia, um horizonte mais amplo e simultaneamente mais concreto. É o labor empenhado — paciente e firme, mas sempre consequentemente revolucionário — no sentido de uma história que enriquecidamente seja afirmação de humanidade: pelo homem todo e por todos os homens.

A elaboração do comunismo como programa, e a sua correspondente questionação diversificada, nasce, ganha contornos de precisão e desenvolve-se de dentro do próprio processo histórico de mediação prática do real pelas sociedades humanas, e em dialéctica articulação com ele.

Não se cura, pois, de invocar aqui um primado da história/passado como tradição que, da origem, há-de proporcionar a chave do resolvimento dos problemas; procura, sim, chamar-se a atenção para o que é uma história/desenvolvimento e transformação que constitui o horizonte – teórico e prático - de um envolvimento com eles.

¹ O presente texto, onde se conservam traços de oralidade, foi organizado, sob responsabilidade da redacção de "O Militante", na base da gravação feita no colóquio sobre "Marx e o programa comunista perante os questionamentos contemporâneos da racionalidade", realizado a 28 de Janeiro no Centro de Trabalho Vitória, com alguns aditamentos (designadamente a parte inicial) retirados do texto do artigo sobre o mesmo tema da autoria de Barata Moura várias vezes citado no debate, e que será publicado num dos próximos números da revista "Vértice".

Historicidade dos programas comunistas

Para balizar o tema "Marx e o programa comunista", e antes de nos referirmos a alguns dos traços que fundam a sua especificidade, começemos por evocar três observações, afinal bem conhecidas.

Primeira observação

Do mesmo modo que Marx não inventou a existência das classes e da sua luta, também o comunismo não foi uma invenção de Marx. Nem o termo, nem o núcleo genérico de ideias que poderiam ser agrupadas sob essa designação de "comunismo".

Desde os mitos gregos da "idade de ouro" até Platão, desde as comunidades judaicas dos essénios até às comunidades cristãs primitivas e à patrística, desde a literatura utópica de Thomas More a Campanella ou, depois já, em outros desenvolvimentos, com Morelly, Meslier, ou movimentos sociais em Inglaterra no Século XVII, (os "diggers", os "levellers"), para não falar nos estabelecimentos jesuítas no Paraguai — até aqueles que são mais conhecidos e que desenvolvem concepções de tipo socialista, como Saint Simon, Fourier, Lamennais, Weitling - nós encontramos, ao longo de séculos e com acentuações muito diferentes, pelo menos algumas ideias susceptíveis de formar duma maneira muito genérica aquilo a que poderíamos chamar o núcleo duro dum comunismo pré-marxista. Entre essas ideias de sentido vago, difuso, mas ao mesmo tempo bastante preciso nalguns dos seus conteúdos, contam-se, por exemplo, a ideia da propriedade comum (muito particularmente da propriedade comum da terra); a ideia não apenas de igualdade, mas de uma igualdade real, ou seja, o intento de realizar a igualdade; e uma compreensão da sociedade fundamentalmente como uma **comunidade**.

Segunda observação

A cientificidade não é também uma reivindicação exclusiva de Marx. Se formos ver os textos do que nós chamamos o socialismo utópico, curiosamente, também eles reivindicam a ciência. Alguns exemplos. O inglês William Godwin, num texto de 1793 sobre a justiça política afirma que a política é uma ciência e que é através da ciência e de uma organização de alguma maneira científica que é possível estabelecer a justiça social. No caso de Saint Simon bastaria lembrar que uma das suas expressões mais características é a ideia de edificar um "sistema industrial e científico" — "industrial" tem aqui a ver, com o domínio do trabalho e da produção, em geral, e a cientificidade na sua organização e funcionamento aparece como uma característica desse sistema. A expressão "comunismo científico" aparece num colaborador de Marx e Engels, Moses Hess, em 1843, em relação com a filosofia social francesa, que ao tempo começava a ganhar o povo segundo uma perspectiva de futuro que se desenha para além das doutrinas tanto de um "idealismo abstracto" como de um "comunismo abstracto".

Quando nos meados dos anos 70 do século passado Marx e Engels se reclamam do "socialismo científico" pretendiam demarcar-se de todo um conjunto de concepções socialistas e comunistas que ao tempo tinham curso, mas na expressão "socialismo científico" há também uma tomada de posição quanto ao que se há-de entender por cientificidade — há, por parte de Marx e Engels, uma compreensão da ciência e da cientificidade que nada tem a ver com o seu conceito positivista e cientista.

Terceira observação.

Marx (diferentemente de Engels, que tem logo uma adesão entusiástica ao comunismo) nas suas primeiras referências ao comunismo tem um posicionamento reservado e de recomendação de estudo crítico. É certo que Marx estava nessa altura (1842/43) militantemente empenhado no debate crítico sobre a situação alemã e não pretendia que esse empenhamento fosse desviado para o terreno da discussão abstracta de doutrinas que apareciam apenas como uma fraseologia mais ou menos empolgada, recentemente importada de França.

Outro aspecto importante do ponto de vista político é que, obviamente, os textos dos socialistas e comunistas continham um fortíssimo ataque à burguesia — que no contexto da França e Inglaterra era quem efectivamente estava no poder, enquanto na Alemanha se estava ainda numa fase de luta contra governos e políticas feudalizantes, e os sectores mais avançados da burguesia que na Alemanha se estava a desenvolver eram os inimigos principais desses governos.

Além disso é natural que Marx nessa altura ainda não tivesse pensado muito sobre a questão do comunismo e percebe-se que diga: vamos criticar, vamos estudar. Logo a partir de finais de 1843, mesmo antes da ida de Marx para Paris, nos seus cadernos de apontamentos o grosso do material corresponde a extractos de livros de História e também de textos importantes dos socialistas e comunistas, designadamente franceses.

Porquê esta orientação da pesquisa (em breve alargada à problemática económica)? Porque Marx vai percebendo, e relativamente cedo, que o comunismo não pode ser, como ele diz, uma abstracção dogmática, isto é, uma ideia desligada da realidade e do desenvolvimento da própria realidade. Numa carta de 1843 a Arnold Ruge aparece uma perspectiva central que Marx não vai mais abandonar: "nós não queremos antecipar dogmaticamente o mundo, mas queremos encontrar um mundo novo a partir da crítica do mundo velho".

A ideia do comunismo não é pois para Marx uma ideia dogmática, abstracta, desligada da realidade do próprio mundo que está em desenvolvimento e transformação. A ideia fundamental do comunismo para Marx vai passar por este exame crítico do mundo velho para nele descobrir em germe e em desenvolvimento o mundo novo. E também, já neste período, há outra ideia extremamente importante, a de que a crítica só não chega, de que é necessário organizar as forças sociais susceptíveis de protagonizar essa transformação, de encabeçar esse movimento. Marx utiliza na altura a fórmula da associação, ou aliança, entre o proletariado e a filosofia, no sentido de ligar a teoria e a prática, a força social que materializa ideias e as ideias que são necessárias para determinar para onde, como, com e contra quem se quer ir.

O COMUNISMO PARA MARX

Correndo um risco de simplificação, podemos considerar três vectores em torno da especificidade do programa comunista de Marx.

Para Marx o comunismo é: um **movimento real** a conhecer, um **programa de transformação** a prosseguir, uma **socialidade nova** a configurar.

Para Marx, o comunismo é um **programa**, mas é também um **processo de tomada a cargo**, consciente e prática — revolucionante—do horizonte de possibilidades reais que a história prepara e projecta, como destinação material concreta da humanidade.

Movimento real

A expressão é de Marx e Engels, e aparece já formulada em "A ideologia alemã": "O comunismo não é para nós um **estado** [isto é, um estado de coisas] que deva ser fabricado [isto é: produzido ou estabelecido], um ideal pelo qual a realidade tenha de regular-se [ajustar-se]. Chamamos comunismo ao movimento **real** que supera [que suprime] o estado actual. As condições deste movimento resultam do pressuposto actualmente existente".

Que aspectos são de assinalar nesta apresentação do comunismo feita por Marx e Engels em 1845/46?

Um traço fundamental, que Marx terá sempre presente: a ideia de que o comunismo não é a futuração de um dever-ser mais ou menos imaginário, mais ou menos congeminado por algum melhorador do mundo, como ele também diz no "Manifesto". O comunismo, para Marx, não é ficar fechado num gabinete a pensar: As coisas são assim, mas como é que deviam ser? Qual seria o estado ideal da sociedade?

É uma questão fundamental, em que Marx se demarca em relação a muitos caminhos do passado e também dessa época, que apareciam sob a designação de comunismo e de socialismo.

Outro aspecto importante: para Marx o comunismo também não é um protesto moral contra as misérias e as injustiças (o que não significa que não o seja também, mas não é só isso). Para Marx o comunismo é fundamentalmente uma tentativa de penetrar nas contradições do real (e é na sequência do aprofundar nessas contradições do real que vai aparacer a questão central da mais-valia e sobretudo a questão da apropriação privada da mais-valia sob a forma de lucro por parte dos detentores dos meios de produção). E esse penetrar na própria realidade faz-se para a conhecer e, sobretudo, para conhecer onde, como, com quem e em que sentido intervir. Ou seja, para Marx a relação entre o conhecer e a acção é uma relação decisiva. Não é uma relação de aplicação, é uma relação de perspectivação e de transformação material.

A procura do conhecimento — que não se reduz a uma acumulação de informação, mas inclui uma sondagem da estrutura que rege os processos e da dinâmica das contradições que os articulam — permite um enfoque decisivo dos combates políticos e da **perspectiva** em cujo horizonte se desenvolvem.

O esforço de teoria por parte dos comunistas irá, deste modo, possibilitar: que não apenas se proteste e se rejeite o modo de produção capitalista a partir da malignidade dos constatados efeitos que induz, mas que se venha a detectar o núcleo ou o segredo — estrutural — em que a sua dominação assenta: a apropriação privada pelo capital, sob a forma de lucro, de trabalho não pago; que não apenas se inventem por reflexão abstracta os objectivos e os meios da transformação, mas que se descubra, na própria dialéctica do existente, os caminhos susceptíveis de conduzir à passagem a, e à edificação de, um novo estado de coisas; que não apenas se cuide da formulação de princípios, rapidamente alçados a dogmatização intemporal, mas que a cada passo se não perca de vista que a sua aplicação prática "*dependerá, em toda a parte e a todo o tempo, das circunstâncias historicamente vigentes*".

Programa de transformação

É outra ideia importante que recusa, por um lado, o automatismo da história, e também o voluntarismo da história. O automatismo — no sentido de que "*não é preciso fazer nada, porque a história há-de chegar onde tem de chegar*" O voluntarismo, com a ideia de que "*basta-nos querer, e se tivermos fé, e sendo tão justo e certo o que nós queremos, a vontade pode mover montanhas*".

Portanto, nem automatismo nem voluntarismo, mas uma prática transformadora, esclarecida, isto é, materialmente fundamentada — é isto o que Marx e Engels procuram.

Conhecer é, sem dúvida, transformar a consciência que se tem das realidades. Mas o que materialmente **decide** é a transformação **prática** das realidades. E, para isso, num contexto histórico determinado, são precisas ideias, são precisos homens, é preciso um poder prático material que revolucione.

É de lembrar aqui uma ideia que todos conhecemos, mas que é fundamental e que no debate ideológico hoje em dia é importante não perder de vista: a de que são os homens que fazem a História, mas fazem-na em condições determinadas. E quais são essas condições, quais são essas determinações?

No programa de **transformação** de Marx podemos dizer que há duas questões importantes.

Uma é encontrar na própria sociedade as condições materiais da sua reconfiguração — a transformação da realidade tem de se fazer a **partir do existente** (não para o existente continuar a estar, mas para o existente ser outro, e ser **qualitativamente** outro). A transformação não é uma coisa que se acrescenta, que cai do céu, que se junta. Temos de conhecer muito bem como o existente está trabalhado por contradições para a partir daí sermos capazes de congregar os esforços e de ver como é possível avançar para transformar. Trata-se de uma **reconfiguração revolucionária**, mas a partir de um conhecimento profundo e de **possibilidades reais** que o próprio existente contém. Não é dizer: este é o quadro existente, é mau, e de miséria, de desgraça, outro, é o quadro da revolução, do comunismo, da teoria, que não tem nada a ver com esse. E depois, como se passa de um para o outro? Aplica-se um sobre o outro? Impõe-se um sobre o outro?

Outra ideia importante é a da transformação como correspondendo a esse trabalho dos homens na história, a esse movimento da própria história trabalhada pelos homens, e a de ver na classe operária, como Marx também diz, o poder organizado e a consciência do movimento. Em suma: são os homens que fazem a história, mas em condições determinadas, não é um processo automático, não basta só a vontade, é preciso a prática (acção) para transformar, senão não há transformação. Mas a prática também supõe, também requer, também necessita organização. E essa organização precisa de ter uma expressão social, precisa de ter raízes em camadas da sociedade que possam estar interessadas (objectiva e subjectivamente) na transformação.

O programa comunista de Marx não se restringe à esfera económica, mas reconhece nela uma condição básica determinante. Não visa uma abolição de todas as relações de propriedade, mas, sim, da **propriedade burguesa**. Intenta delinear perspectivas de luta, susceptíveis de encaminhar, no concreto dos desenvolvimentos, para o objectivo **estrutural** de revolucionamento, que não pode ser perdido de vista. Apela e trabalha num sentido de organização — política e social — daquelas forças que, tendo objectivamente "*conquistado a Natureza*", só podem verdadeiramente emancipar-se **como humanidade**, reconfigurando o mundo **humanamente**.

Daí todo o trabalho político, ideológico, cultural e organizativo de elevar uma massa "em si" agente e operosa ao "para si" consciente e prático, susceptível de enformar uma **autodestinação** consequente.

Quanto a este programa de transformação, merece referência ainda uma outra ideia muito importante que aparece no Manifesto pelos menos em duas vezes.

Diz Marx, referindo-se aos comunistas, que "*no momento presente eles representam simultaneamente o futuro do movimento*". Isto é, a ideia de **projecto**, a ideia de que um movimento, uma prática revolucionária, pode jogar-se, pode decidir-se num momento, mas é um **processo**, e no comportamento do presente temos de salvaguardar, potenciando, aquilo que é o futuro do próprio movimento. Isto é muito importante até pelo que tem a ver com os oportunismos e outras formas de enviesamento.

Socialidade nova

Para Marx é necessário **conhecer** para transformar, **organizar** para intervir, e **revolucionar** para pôr de pé bases novas de desenvolvimento.

O comunismo de Marx encaminha-se para uma **forma superior de produção**. Trata-se, na realidade, de assumir e de orientar com **consequência social** o encaminhamento histórico para uma plataforma superior de materialização do viver: "*O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social é a tarefa e a justificação históricas do capital. Precisamente com isso, ele cria inconscientemente as condições materiais de uma forma superior de produção*".

Não se trata, por conseguinte, de violentar a história, mas de intervir nela, esclarecida e praticamente. Sempre com a ideia de que não é chegar à história com uma imagem perfeita e acabada. A dinâmica de Marx nunca é uma dinâmica de violentar a história, mas sempre de trabalhar a história, num sentido de transformação efectiva.

Marx e Engels não perdem muitas páginas a imaginar o que seria a sociedade comunista, ao contrário de outras literaturas sobre estas matérias, que tinham até quase uma especificação do menu ou horário ao longo do dia mais ou menos ensaiada. Mas alguns traços essenciais são claramente apontados.

Em primeiro lugar, uma produção não virada exclusivamente para o lucro, e sim colocada ao serviço de uma satisfação generalizada e historicamente enriquecida de efectivas necessidades sociais. Repare-se: necessidades **enriquecidas** — isto é, ter em conta que com o desenvolvimento da Civilização há também um enriquecimento das necessidades e ao mesmo tempo um alargamento das capacidades. Numa história em desenvolvimento há necessidades em desenvolvimento também. E este enriquecimento das necessidades deve ser entendido não apenas como a sua democratização, pelo alargamento a toda a sociedade, pela satisfação universal das necessidades, mas também como um enriquecimento do seu conteúdo, um enriquecimento da qualidade do próprio ser humano.

Outras ideias muito claras, que se apontam apenas:

- desformalizar a democracia, isto é, que a democracia não seja apenas um ritual mais ou menos formal;
- a ciência e a tecnologia como factor de emancipação (em muitos textos de Marx e em "O Capital" fala-se também desta questão);
- não hipotecar a exploração da natureza mas gerir e transmitir a Terra enriquecidamente às gerações vindouras (há no Livro III de "O Capital" uma página extremamente interessante com posições de fundo sobre a Ecologia);
- e mais — relativamente às questões do ócio, do tempo livre, há o aspecto interessante de não o ver só como um tempo de lazer socializado, apresentando algumas ideias interessantes como esta: considerar o tempo livre como um tempo de repouso e também como um tempo disponível para outras actividades, num sentido humanamente enriquecedor. Isto é uma questão fundamental da cultura e provavelmente por isso a noção de democracia cultural cada vez faça mais sentido.

Outro ponto por vezes esquecido quando se associa a questão do comunismo à questão da nova socialidade (no sentido das próprias relações sociais) — é que essa nova socialidade, pode também ser olhada de outra maneira, isto é, uma nova socialidade é também uma nova individualidade — e Marx fala disso.

Não é fazer do colectivo uma instância pairante, acima dos viveres singularizados dos homens e das mulheres que, nos seus relacionamentos diversificados e diferentes formam e protagonizam a sociedade. É uma colectividade efectivamente enriquecida, porque houve um enriquecimento da individualidade e das relações humanas, também nesse prisma da individualidade. E do ponto de vista marxista, é fundamental não contrapor socialidade e individualidade, porque efectivamente não estão separadas.

Última nota neste ponto. O comunismo para Marx não é o fim da história. Como ele próprio diz, é o começo da história da liberdade. Isto é muitas vezes apresentado de maneira completamente diferente, como se o comunismo fosse o fim da história, o paraíso, quando a maneira que Marx e Engels têm de falar dele, nunca é como o fim da história, mas como o começo duma outra história, desenvolvida em bases qualitativamente superiores, que seria a história da liberdade.

Questionamentos hodiernos da racionalidade

Vale a pena assinalar alguns traços do contexto em que os questionamentos da racionalidade, do comunismo, hoje em dia se colocam.

O contexto de hoje, onde essas interrogações se colocam, é um contexto de universalização e complexificação dos problemas estruturais referentes à organização capitalista da produção e reprodução do viver. (E não imaginemos que, ao nível do próprio modo de produção capitalista, não há questões novas ligadas a esses dois traços: universalização (extensão ao Orbe) e complexificação). Outro traço importante deste contexto é o dismantelamento acelerado de bases institucionais e sociais de sociedades socialistas, muito importantes, inclusive, para correcções, aprofundamentos e reconfigurações que seria indispensável promover. Terceiro traço: persistência agravada de grandes problemas globais, da ecologia à fome, assimetrias do desenvolvimento, o engrossar de marginalizações, a pobreza, a droga, desemprego, racismo, sinais crescentes e preocupantes de desvitalização da democracia, etc.. Há uma necessidade de redefinição prospectiva à escala mundial e em diferentes tabuleiros, da economia às nacionalidades e à cultura, duma estratégia subsequente à dissolução da lógica dos blocos.

A humanidade no seu conjunto defronta-se com a tarefa nova de se interrogar acerca do sentido em que há que demandar um **outro paradigma** macroscópico para a ordem mundial.

Estas considerações tornam-se todas elas ponderáveis, particularmente num tempo de **crise de definição estratégica** em que a problemática filosófica e ideológica ganha um peso relativo qualitativamente acrescido, não porque da teoria decorra (mecanicamente) o resolvimento material dos problemas reais, mas porque um seu equacionamento correcto condiciona decisivamente o encontro, a tomada e a implementação de decisões.

Esta é, tal como a vejo, a dimensão teórica, política e ideológica **dominante** do contexto **real** (que objectivamente é bem mais ricamente determinado) em que se opera a generalidade dos questionamentos hodiernos do comunismo e da racionalidade.

A perspectiva do comunismo é fundamental para enriquecer o debate em torno do leque dos possíveis para todos estes problemas com que a humanidade se defronta.

Questionamentos da racionalidade

Por comodidade de arrumação, podemos sumariamente considerar que há hoje em dia 3 grandes modelos para o questionamento da racionalidade.

Há quem pretenda desqualificar liminarmente a própria perspectiva de busca de uma racionalidade. Com mais ou menos "pós modernos", aí no mercado encontra-se um conjunto largo de correntes que fazem da desqualificação da racionalidade o seu argumento para a pôr em causa: é coisa velha, obsoleta, apenas levou a ilusões dominadoras, assenta na violação da Natureza, na fabricação de um pretenso saber totalitário — e, por conseguinte vamos substituir uma prática transformadora por um pragmatismo descomprometido de navegação costeira, vamos substituir essas ilusões dominadoras de demanda do saber por uma modesta retórica de argumentações, vamos substituir essas preocupações de sociabilidade e de humanidade pela entronização soberba do individual (que depois pode oscilar entre o empolamento da subjectividade ou o mais crasso utilitarismo), nós somos seres práticos, fragmentários, "as meta-narrativas" acabaram, vamos contar um pouco aquilo que se passa localmente, na ponta do meu alfinete...

É evidente que toda esta velha maneira desarmante de ver os problemas da história, da prática, só leva a manter o que está instalado. Quando não se intervém nessa ordem, o que vigora é o que continua a comandar a realidade.

Outra figura do questionamento da racionalidade, hoje em dia, é o que se pode chamar o **confinamento da racionalidade** ou seja a ideia de que racionalizar é tão só otimizar ou rendibilizar um quadro capitalista declarado intransponível. A inovação tecnológica a reorganização dos processos produtivos, a mercantilização de novos domínios (do terciário até à cultura), a complexificação e multiplicação das esferas e dos segmentos do negócio (desde a informação até à engenharia financeira), tudo isto é desenvolvimento e tem muitos aspectos que não são negligenciáveis nem de deitar pela borda fora. Mas tudo isto, quando comandado por uma perspectiva circunscrita e orientadamente capitalista são items de um elenco cujo único objectivo é garantir em condições contraditórias, e que rapidamente se vão modificando, a manutenção tendencial de taxas de lucro o mais possível elevadas para o capital globalmente considerado.

A racionalidade concreta — simultaneamente, como exercício teórico, como organização política e como empenhamento prático — pode todavia traduzir-se pela protagonização de uma postura bem diferente das anteriormente esquematizadas.

Sem deixar de ponderar os elementos de reequacionamento crítico, sem anatematizar simplistamente adquiridos de civilização, sem incorrer na tentação de justapôr à efectividade material dos desenvolvimentos em curso formulações idealizadas a implementar magicamente, por simples deliberações de vontade ou de sentimento — trata-se, no fundamental, de revisitar supostos ontológicos, de recolocar contextos políticos, de reorientar horizontes e perspectivas de transformação.

Essa terceira possibilidade é a de uma racionalidade ao mesmo tempo como problema e como tarefa, ou seja, num mundo que é concreto, que é plurideterminado, demandar, perguntar pela sua inteligibilização, pela sua transformação, num horizonte de realização de humanidade.

Questionamentos do comunismo

Hoje em dia, o questionamento do comunismo parece decorrer, algo caricaturalmente, sob uma fórmula sacramental que outrora qualquer manual do bom logista interditava ao mais inábil caixeiro: "havia, mas já não há". Como o efeito pretendido é afugentar fregueses, vá de martelar que já não há comunismo, nem proletariado, nem transformações significativas a fazer.

Estes questionamentos colocam-se no quadro de uma poderosa ofensiva ideológica das forças dominantes no sentido de, aproveitando a conjuntura histórica do dismantelamento das primeiras experiências duradouras de construção de sociedades socialistas, forçar três coisas:

- uma erradicação do comunismo da consciência e do sentir dos homens;
- um embotamento da capacidade de luta dos que continuam a sofrer e a rejeitar a fatalidade da exploração;
- um estreitamento, uma oclusão, um fechar do próprio leque de perspectivas que a humanidade tem diante de si para as tarefas de configuração do seu futuro.

Os recentes acontecimentos a Leste são **derrotas substanciais** nos processo de construção de sociedades socialistas. Trata-se de fracassos **não-conjunturais** (na organização e gestão da economia, na concepção e funcionamento do sistema político, na vivificação e assunção sociais da ideologia) que vieram pôr cobro a (mais) uma experiência histórica de edificação da produção social do viver em bases não-capitalistas. Mas atenção! O que dolorosa e preocupadamente estamos a viver na actualidade não é uma falência do comunismo enquanto movimento real, enquanto exigência de transformação, enquanto destino de configuração de uma socialidade nova, nesta perspectiva de comunismo de Marx e Engels de que temos estado a falar. Nem o comunismo apontava para o que de facto existia nessas sociedades, nem as sociedades socialistas que ruíram ou estão em fase de dismantelamento esgotavam na sua positividade, o comunismo, nem a sua derrocada invalida a justeza de propósitos e as condições estruturais (a essência) que comandam a demanda da sua realização.

Para a questão do "já não há comunismo" — há que ver ainda que a dinâmica contraditória do capitalismo também não se desvaneceu. As contradições fundamentais do capitalismo, os seus objectivos, a sua estrutura, mantêm-se. Com certeza que ele se transformou. Muito, e isso vai-nos obrigar a ter de estudar muito mais. Mas a dinâmica contraditória do capitalismo não desapareceu, e por conseguinte as razões que levam à necessidade da sua transformação radical também não desapareceram.

Quanto à questão do "já não há proletariado", que também aparece muitas vezes, é importante ver algumas questões prévias, que podem contribuir para clarificar o fundo de muitos problemas que sem dúvida há que examinar na particularidade das suas manifestações.

O proletariado não é uma categoria fora da história. Há vários proletariados e o proletariado transforma-se no seu conteúdo, no seu teor, até na sua expressão social, com o desenvolvimento das próprias sociedades. Não é apenas o proletariado do tempo dos romanos. Marx, no quadro da revolução industrial, das sociedades industriais analisa como o proletariado se transforma com a transformação e o desenvolvimento da própria indústria, das suas várias fases. O proletariado não é pois uma coisa que aparece na história e lá fica, assim, para o resto de toda a história. Transforma-se, muda.

O proletariado na manufatura não é o mesmo nem faz as mesmas coisas do que o pessoal de uma fábrica mecanizada, ou o vigilante de sofisticados dispositivos tecnológicos automatizados. O horizonte da questão poderia ainda ser enriquecido, se nos lembrarmos de que, coincidindo o proletariado moderno com o salariado no seu conjunto, também o pessoal técnico superior e até quadros dirigentes permanecem no fundamental submetidos - como trabalhadores e como cidadãos - a uma mesma estrutura básica de exploração, evidentemente atenuada por todo um conjunto de discriminações positivas de que entretanto beneficiam.

Modificações históricas no nível (nominal ou real) dos salários, nas condições gerais de vida e de inserção social, na própria representação que as classes trabalhadoras (ou fracções delas) fazem de si próprias, etc., — sejam elas decorrência primordial de alterações no desenvolvimento do sistema produtivo e/ou resultado conjunto de lutas reivindicativas — constituem seguramente novos elementos para a determinação concreta da situação dos trabalhadores; afectam os seus comportamentos, perspectivas e qualidade de vida; podem, inclusivamente, tornar-se objecto de combate para, em termos médios, arrancar mais concessões, não só económicas, mas também políticas, sociais, culturais, ao patronato ou ao sistema capitalista globalmente considerado. São, por conseguinte modificações importantes, pelas quais sindical e politicamente faz sentido lutar e que podem reconfigurar, em bases relativamente novas, as condições de outros e mais decisivos avanços.

Todavia, de um ponto de vista materialmente determinante, não revolucionam em si mesmas, não destroem, não fazem passar praticamente a outro estágio qualitativo, a **estrutura** em que assentam e de que brotam as relações de dominação, não eliminam a exploração. Como já Marx adverte, em "O Capital", "vestuário, alimentação, tratamento melhores e um pecúlio maior, tão pouco suprimem a relação de dependência e a exploração do escravo quanto pouco suprimem as do assalariado".

A questão talvez principal a ter em conta, é que, do ponto de vista económico (e Marx assinala isso muito bem), o fundamental do proletariado — é o assalariamento. Também em "O Capital" Marx lembra que *"por proletário não é de entender economicamente senão o assalariado que produz e valoriza o capital e que é posto na rua logo que se torna supérfluo para a necessidade de valorização do 'senhor Capital'"*... E reparem que isto acontece tanto ao operário manual como ao técnico de informática.

"Já não há transformações significativas a emprender?"

Esta é a tese estafada do "houve história, mas já não há". O modo de produção feudal era uma coisa artificial; o capitalismo é que é natural e, portanto, como é natural, é eterno — chegámos finalmente ao estado de conciliação ou reconciliação com a Natureza...

Os intentos de questionar a credibilidade do comunismo a partir das mais variadas argumentações em torno do irremediável fracasso de emprender transformações revolucionárias é típica de alguns economistas políticos burgueses já do tempo de Marx — e vem da ideia de que as relações capitalistas de produção constituem as relações **naturais** de toda a produção e que, por isso são intrascendíveis.

Muitos reformadores, eventualmente bem intencionados, enredam-se na congeminção de esquemas que a pretexto de suplantar inviabilidades revolucionárias querem, eles sim, o **impossível**: *"isto é, as condições de vida burguesa sem as consequências necessárias dessas condições"* (Karl Marx, "Carta a Annenkov").

Reconhecer a fragilidade objectiva, a genealogia ideológica e a tomada de partido que estes arrazoados (apologéticos, nuns casos; demissionistas, noutros) patenteiam, em figuras mais ou menos condimentadas com estatísticas avulsas, inquéritos sociológicos ou acabadas construções de distinto recorte "científico" — ajuda certamente a contextualizar determinadas "evidências", a amortecer violentos embates, a relativizar induzidas perturbações. **Não nos protege nem dispensa do confronto lucidamente crítico com a realidade.** Subsiste, como problema e como tarefa, a perscrutação teórica, o risco político, o empenhamento prático, de assumir com radicalidade, confiança e consequência, os desaires de uma causa, as vicissitudes de uma história, a responsabilidade indefectível e solidária de procurar e de construir, como humanidade e em humanidade, um viver humanamente mais exigente e gratificante.

Uma perspectiva comunista para a racionalidade.

Diria que no fundo é a procura de uma inscrição de humanidade no ser. No fundo a nossa vida é esse processo conjunto e prático em que vamos mediando, transformando, dando corpo, dando forma ao ser ou à História. A perspectiva comunista da racionalidade é esta inscrição da humanidade no ser.

É claro que não é um monopólio dos comunistas. É uma tarefa de humanos onde obviamente não são só os comunistas que estão interessados e que partilham essa perspectiva. Mais do que reivindicar para si o monopólio ou a medida da racionalidade, os comunistas reivindicam-se **da racionalidade.**

Por isso se fala aqui de **uma** perspectiva da racionalidade que os comunistas procuram encarnar e desenvolver, no seu ideário, na sua acção, nos seus roteiros de luta por uma transformação humana e humanizante das realidades.

Num quadro marcado por algumas destas ideias eu diria que para os comunistas a racionalidade tem um quadro fundamental de deveniência, isto é, a razão não é, uma coisa pairante, a razão tem ela própria uma determinação e uma constituição histórica, a razão é um produto histórico, não é uma entidade fora da História. É uma racionalidade que se pretende, investiga e acciona num **quadro materialista** de fundamentação. É uma racionalidade, em suma, que se concebe, assume e irrompe com um **escopo de intervenção crítica e revolucionária.**

Lembremos, a rematar, e porque o tempo urge, uma reflexão de Berthold Brecht, que nos pode fazer pensar:

"Na prática tem que se dar um passo de cada vez — a teoria tem de conter a marcha toda."

Caminhando, não esqueçamos nunca de destinar a marcha.